

O FALAR VILABOENSE NUMA PERSPECTIVA LINGÜÍSTICO-HISTÓRICA

Luciane Silva de Souza CARNEIRO¹

RESUMO: Este artigo objetiva tratar dos aspectos fonológicos evidenciados na fala de idosos na cidade de Goiás, Estado de Goiás, para que se possa identificar, analisar e tabular traços pertencentes ao século XVIII e períodos anteriores e se desenvolve a partir do projeto “A lingüística e a história da colonização de Goiás” e já coletou material lingüístico de 11 localidades: Rio Verde, Corumbá de Goiás, Acaba Vida, Catalão, cidade de Goiás, Crixás, São José do Caiamar, Caiapônia, Porto Leocádio, Amaro Leite e Porangatu. Tais estudos ocasionaram em levantamento das escolhas lexicais e dos processos fonológicos, morfológicos e sintáticos a partir de *corpus* coletados. Neste, parte-se da literatura existente sobre o assunto e documentos escritos da época, os quais tornam possível a identificação de formas hoje consideradas estigmatizadas e que fizeram parte do registro habitual de textos de documentos do período de colonização do Estado de Goiás é feito o levantamento e a análise, que permitirão identificar traços que pertençam ao português antigo, pois se percebe que não é de hoje que os estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa apontam tais resquícios. Entretanto, ainda é carente de comprovações. Assim, pretende-se, contribuir para a descrição da língua portuguesa falada no Brasil e, em particular, aquele que é falado no estado de Goiás, cujo resultado mostrou que mantém traços comuns a várias regiões brasileiras, como monotongação, ditongação, desnasalização, nasalização, palatalização, despalatalização, e outros que lhe são peculiares ou aparecem descritos em poucas localidades, tal como o sândi.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística histórica; Fenômenos; Português arcaico; Português clássico; Cidade de Goiás.

LINGÜÍSTICA HISTÓRICA E HISTÓRIA DA LÍNGUA

O Estado de Goiás tem suas bases fincadas no apogeu do ciclo do ouro, no século XVIII, conhecido como século das bandeiras, o que ocasionou sua formação diferenciada dos demais estados da federação, assim como ocorreu com Minas Gerais, Mato Grosso e São Paulo. Conseqüentemente, isso influenciou não apenas na geografia desta região, mas também na sua condição socioeconômica, educacional, judiciária, cultural, religiosa, político-administrativa e lingüística. Por esta razão e outras mais, é válido ressaltar que pesquisar períodos antigos de qualquer língua é algo difícil e que exige um conhecimento apurado “sobre vários aspectos da contextualização histórica que funcionava a língua no

¹ Doutoranda em Letras e Lingüística pela UFG. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários. Endereço: Rua Pires do Rio, Qd. 21 Lt. 11 – Jardim Luz – Aparecida de Goiânia/GO. CEP: 74916-230. E-mail: lucianeunifan@yahoo.com.br.

momento estudado” (MATTOS e SILVA, 2006, p. 15). Ainda conforme a autora, um estudo que trabalhe com a sincronia contemporânea não exige tanto quanto o trabalho que objetive mergulhar, por exemplo, no português arcaico. Assim, os aspectos sociais são tão importantes, visto que possibilita visualizar como a língua é usada por uma determinada comunidade.

Não há como fugir, portanto, da observação sócio-histórica, quando o que se deseja é “fazer” lingüística histórica, como é o nosso caso. E, “fazer” lingüística histórica não é simples fato de se observar que a palavra “você” era “vossa mercê” em determinada época; é mostrar os “porquês”, os “quando” e os “como”; é buscar, sim os alicerces também na história; é descrever fenômenos e ter respaldos também e, talvez principalmente, nos documentos escritos; é, segundo Tarallo (1990), ‘adentrar no túnel do tempo e fazer um itinerário histórico da língua’, mas também levar em conta a comunidade que a usa.

No caso específico da língua portuguesa, Ilari e Basso (2006), ainda acrescentam, que quando ocorreu o descobrimento do Brasil, essa já tinha características bem definidas e além de, na época, fixar a ortografia (entre 1536 e 1540, com as primeiras gramáticas de língua portuguesa), também contava com uma rica literatura escrita em português e isso “é resultado de uma história interna e de uma história externa que não poderiam ser ignoradas (p. 14). Tanto Mattos e Silva (2006), quanto Ilari e Bassos (2006) concordam que o olhar sobre o passado permite explicar muitas das características que estão presentes no português em uso, ou seja, os acontecimentos presente podem ser herança do passado. Nas palavras de Mattos e Silva (2006):

... o passado se esgueira pelo presente e pode clareá-lo, mesmo que se tenha, teoricamente, em muitos casos, como explicar (ou descrever?) o presente sem viagens pelo passado. Sem dúvida, para quem hoje usa e tem oportunidade de refletir sobre a língua que usa, alguma informação histórica passada é um instrumento útil para abrir caminhos para o conhecimento de sua língua (p. 17).

No que se refere aos estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa, percebe-se que muitas pesquisas já foram realizadas. Entretanto, são ínfimas diante da gama que abrange o tema. Tais pesquisas vêm apontando traços antigos que ainda permeiam o português do Brasil, como se pode observar nos trabalhos de Penha (1970) *A arcaicidade da língua popular brasileira*; Santiago Almeida (2000) *Aspectos fonológicos do Português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (Manuscritos da época das bandeiras, século XVIII)*; ambos tese de doutoramento

No trabalho de Penha (1979) observa-se que há uma escassez de conseguir comprovar o que se pretendia que, era documentar traços arcaicos da língua popular brasileira escrita buscando respaldo na literatura dos séculos XIV, XV, XVI e XVII. Já na Tese de Santiago Almeida (2000), o autor coleta dados da língua falada na Baixada Cuiabana na época da pesquisa e confronta-os com os manuscritos do período do apogeu do ouro, século XVIII. Um trabalho que exigiu uma apurada pesquisa filológica.

Em Goiás, as pesquisas no campo da lingüística histórica, vem trilhando um caminho de sucesso, pois os títulos são inúmeros nestes últimos anos e entre eles encontra-se *Considerações lingüística e históricas da região de Niquelândia-Go*, de Hosamis R. Pádua (2000), que virou livro; *Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica*, de Carneiro (2004), entre tantos outros, os quais já priorizaram várias cidades, tais como de Rio Verde, Corumbá de Goiás, Acaba Vida, Catalão, entre outras. Todos, sob a influência do projeto *A lingüística e a história da colonização de Goiás*, sob a orientação da professora doutora Maria Sueli de Aguiar, cujo objetivo é coletar dados para formar um *corpus* de língua falada nos municípios que compõe o Estado de Goiás e Tocantins.

METODOLOGIA

A localidade

O município escolhido como local de pesquisa foi a cidade de Goiás, primeira capital do Estado, fundada pelo bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera Filho, em 1727 com a insígnia de Arraial de Nossa Senhora de Sant'Anna.

Localizada entre morros que formam um pequeno vale, atravessada pelo Rio Vermelho e pelo Córrego Manuel Gomes, a cidade de Goiás se tornou centro de garimpo no século XVIII. Ao leste faz limite com o morro D. Francisco, ao norte com os morros do Cantagalo, ao sul com a Serra Dourada e a oeste com outros morros menos elevados, além do Rio Bagagem. Outros córregos em suas proximidades também contribuíram para a retirada de ouro: Barra, Ferreiro, Ouro Fino, Santa Rita.

Em 1736, Nossa Senhora de Sant'Anna tornou-se sede do governo e em 1739 elevou-se à categoria de vila e veio a se chamar Vila Boa de Goiás. Dez anos depois, Vila Boa se desligou de São Paulo e se tornou Capitania de Goiás, época em que tomou posse o primeiro governador, Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos. Mas somente em 1818, vila Boa passou à categoria de município e mudou o nome para cidade de Goiás, firmando-se como capital da Província até 1937, quando o título foi transferido para Goiânia.

O ciclo do ouro no Estado de Goiás acompanhou de perto o que foi descrito por Palacin (1979, p. 13) com períodos sucessivamente rápidos: descobrimento, expansão febril, apogeu e, em seguida, a súbita decadência e isso influenciou o meio sócio-cultural e econômico da região, mas também o lingüístico.

Atualmente, a cidade de Goiás possui cerca de 32.000 habitantes e abrange um área de 2.261 km². Em 2001, foi transformada em Patrimônio Cultural da Humanidade e lutou contra uma forte enchente que a inundou em 31 de dezembro do mesmo ano, assim como historicamente ocorreu em 19 de fevereiro de 1839.

Construída em uma região rochosa e de clima muito quente, a cidade de Goiás, a exemplo das demais que se formaram no apogeu do ouro, não fora planejada e suas edificações foram construídas enfileiradas às margens do Rio Vermelho. Suas ruas e becos são tortuosos, estreitos e muitos deles calçados por pedras, ainda na época do império.

A pesquisa

A pesquisa realizada teve como objetivo coletar dados gravados em fita cassete e câmera de vídeo, para proceder à transcrição dos dados e a descrição da língua falada por idosos naquela região, a fim de se confrontar com a bibliografia existente e comprovar que tais ocorriam durante o século das bandeiras e em séculos anteriores.

O objetivo inicial era confrontar os dados levantados com manuscritos da época, dada a sua importância, como já mencionado anteriormente. Infelizmente, não foi possível, por várias razões, entre elas a dificuldade de acesso e o estado em que se encontravam os inscritos em Goiás, o que, de certa forma tem mudando nesses últimos anos, pois estes estão sendo restaurados.

Os dados colhidos, durante as três viagens realizadas à cidade, estão devidamente catalogadas em 8 fitas, 100 fotografias e 1 fita de vídeo, que foi editada e transformada em documentário sobre a cidade.

As transcrições de dados que compõem o *corpus* contaram de duas etapas: transcrição fonográfica e transcrição fonética. A transcrição fonográfica tem como objetivo

tornar mais acessível a leitura dos dados coletados e, por esta razão, vem logo após a transcrição fonética. Para esta última, adotamos o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), revisado em 1993 e atualizado em 1996.

Os entrevistados

As viagens realizadas em junho de 2001, março de 2003 e setembro de 2003, contribuíram para entrar em contato com 13 entrevistados, os quais foram escolhidos seguindo os seguintes critérios:

- a) idade igual ou superior a 50 anos;
- b) ser apenas alfabetizado ou não ter nenhuma escolaridade;
- c) viver na cidade ou em localidades em suas proximidades.

O mais velho dos entrevistados tinha, na ocasião, 104 anos e o mais novo 52. Desses, 2 tinham primário incompleto, 1 o ginásio incompleto, 1 o ensino médio, os demais eram não-escolarizados. Desses, não utilizaremos os dados informados pelo entrevistado com ensino médio.

LEVANTAMENTO DE FENÔMENOS

Ao observar as transcrições dos dados que vieram compor o *corpus* de língua falada, constantes do volume 2 da dissertação de mestrado *Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica*, de Carneiro (2004), percebe-se que alguns traços pertencem ao século das bandeiras (XVIII), enquanto outros ao português arcaico, mas que também aparecem alguns pertencentes a outros séculos e mesmo quando da passagem da língua latina para o português.

Vogais

A geração do assilábico antes das fricativas [] e [] em finais tônicos é um fenômeno, de acordo com Silva Neto (1979, p. 620) e Silva Neto (1963, p. 183) que aparece na poesia romântica de Moraes Silva, Cassimiro de Abreu e Gonçalves Dias, no século XVIII. Percebe-se que o português vilaboense, apresenta esse fenômeno², como bem se observa no *corpus*:

/ / **mais** por **mas**, / / **rapais** por **rapaz**, / / **meis** por **mês**,
 / / **voceis** por **vocês**, / / **nóis** por **nós**, / / **luís** por **luz**,
 / / **cruiz** por **cruz**, / / **veiz** por **vez**, / / **Goiáis** por **Goiás**,
 / / **deiz** por **dez**, / / **tráis** por **trás**, / / **atráis** por **atrás**,
 / / **arroiz** por **arroz**, / / **trêis** por **três**, / / **aliais** por **aliás**,
 / / **Portuguêis** por **Português**, / / **feiz** por **fez**, / / **faiz**
 por **faz**.

Outro fator já constatado é que as vogais acentuadas, nasais ou orais, são fechadas antes de consoantes nasais. Mas, de acordo com Silva Neto (1979, p. 622), nas classes baixas ocorre a tendência de torná-las nasais, como observamos na Cidade de Goiás:

/ ō / **dona** por **dona**, / ō / **õmi** por **homem**, / ō / **ciŌni** por **cine**, / ō /
nõmi por **nome**.

Acredita Silva Neto (1979, p. 623) que esta nasalidade deve aproximar-se das vogais fortemente nasais da Beira Alta, do Minho e do Algarve, quando finais de sílaba tônica, antes de consoante inicial nasal de sílaba seguinte, sendo esse fenômeno normal em todo o território lusitano no século XVI.

Um fenômeno do português vilaboense que não se difere, em geral, do português falado em outras regiões brasileiras, é a elevação de *e* para *i* e de *o* para *u* em posição átona, seja pretônica, postônica ou final e também os monossilábicos átonos como se observa em:

² Nos exemplos constantes do trabalho não aparece a transcrição fonética.

> / / **ondi** por **onde**, / / **eli** por **ele**, / / **genti** por **gente**,
 / / **isqueceno** por **esquecendo**, / / **podì**, / /
isqueceno por **esquecendo**, / / **izisti** por **existe**, / / **siguinte** por
seguinte, / / **pricisava** por **precisava**, / /
istabilicimento por **estabelecimento**, / / **avinida** por **avenida**,
 / / **sirviçu** por **serviço**.
 > / / **matu** por **mato**, / / **tempu** por **tempo**, / /
Marcelu por **Marcelo**, / / **muria** por **morria**, / / **épuca** por **época**,
 / / **ruzaru** por **rosário**, / / **fugão** por **fogão**, [/ /]
maridu por **marido**, / / **purtuguês** por **português**, / / **jeitu**
 por **jeito**, / / **certu** por **certo**, / / **prucissão** por **procissão**.
e nasalado ou oral > **i nasalado**: / / **insino** por **ensino**, / /
imbaxo por **embaixo**, / / **intão** por **então**, / / **imprego** por
emprego, / / **si mitéro** por **cemitério**, / /
si mináro por **seminário**, / / **mi ni nada** por **meninada**,
 / / **mi ni no** por **menino**.
o nasalado ou oral > **u nasalado**: / / **acunticia** por **acontecia**,
 / / **cu me** por **como é**, / / **du mingo** por **domingo**.

Tal fenômeno, segundo Amaral (1978., p. 48), se observa em quase todas as regiões do país, e também em Portugal, a partir do século XVIII, em que *e* era pronunciado como [] e *o* era pronunciado como []. Ainda Cunha (1986, p. 204) afirma que a alternância da pretônica **e/i** e **o/u**, seja oral ou nasalado, é bem conhecida da língua portuguesa dos séculos XVI e XVII, fato este também registrado por Silva Neto (1963, p.172), pois já havia na língua exemplos como **custumi** por **costume**, **mininu** por **menino** e **intrar** por **entrar**.

Sobre esse acontecimento em sílaba átona final, D. Luis Caetano de Lima (1734), citado por Teyssier (1997, p. 70), nos comprova que esse fenômeno ocorria no português europeu no período setecentista:

Note-se que as palavras que acabam em *-e* se devem pronunciar com um som escuro, mas não tão escuro como fazem os portugueses, os quais mudam quase o *-e* final em *-i*, e em lugar de pronunciarem *anche, pure, rumore, parlare, sentire*, pronunciam *anchi, puri, rumori, parlari* etc. (...) Note-se que a vogal *o* geralmente no fim das palavras tem som aberto, e não fechado ou escuro, como lhe dão ordinariamente os portugueses, equivocando-o com *-u*. (apud Teyssier, 1997., p. 70)

Ainda encontramos mais indícios sobre este fato, em 1746, Luis Antônio Verney, claramente descreve:

Finalmente devo advertir a V.P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no meio, mas principalmente nos fins das dicções. V.g. *e* final, pronunciam como *i*, como em *dê-me*, *pôs-me* etc. Todo *o* final acaba em *u*, v.g. em *tempo*, *como*, *buxo* etc., cujos nomes quem quer pronunciar a portuguesa deve acabar em *u*. (*apud* Teyssier, 1997, p. 70)

Anterior ao século XVI, ocorreram certas intervenções entre **e** e **i**, **o** e **u**, que de acordo com Teyssier (1997, p. 74) não devem ser confundidas com as alterações acima, pois estas ocorreram em época bem remota, tal como a seqüência **-i-i** que passou a **-e-i** e a seqüência **-u-u** que passou a **-o-u** (*dizia* > *dezia*, *futuro* > *foturo*) e a ocorrência do inverso, em que **-e-i** passou a **-i-i** e **-o-u** passou a **-u-u**, como em *menino* > *minino*, *fremosura* > *fremusura* e algumas palavras que tem **o** ou **i** pretônico e passaram a **u** e **i** como *logar* > *lugar*, *mehor* > *milhor*, *molher* > *mulher*. Acreditamos, entretanto, que estas intervenções só vem atestar que o levantamento das vogais **e** e **o** para **i** e **u** é algo que já vinha ocorrendo bem antes do século XVIII na língua portuguesa.

A existência, nos textos mais antigos, de um fonema /i/ átono final não pode dar margem para dúvidas. Encontra-se nos imperativos do tipo **vendi**, **parti**; nas primeiras pessoas do singular dos perfeitos fortes; ex.: **estivi**, **pudi**; nas segundas pessoas do singular de todos os perfeitos: ex.: **cantasti**, **partisti**; e em certas palavras como **longi**, **viinti**, **eiri** (“ontem”). Mas, no início do século XIV, todas essas formas apresentam um **-e** final: **vende**, **parte**, **estive**, **pude**, **cantaste**, **partiste** (Teyssier, 1997, p. 30).

No que se refere ao **-u** em lugar de **-o** são encontrados em textos mais antigos e alguns historiadores, conforme nos afirma Teyssier (1997, p. 30) vêem neste fato a prova de que, desde essa época, o galego-português pronunciaria [] os átonos finais, ortograficamente **-o**. Enquanto outros interpretam a grafia medieval em **-u** como latinismo ou como formas de traduzir um timbre muito fechado de **-o** final, como **avemus** e **canpu**. Para o autor, a segunda interpretação é mais plausível, “particularmente porque o galego moderno pronuncia sempre o **-o** átono final como [] fechado”.

No português da Baixada Cuiabana, Santiago Almeida (2000, p. 277;280) encontrou tal fenômeno e ao confrontar os dados com os manuscritos do século XVIII, época das bandeiras, encontrou os seguintes exemplos desta ocorrência: *similhante(s)*, *ifeito*, *idital*, *rial*, *despidicio*, *misiricordia*, *invio*, *miscilania*, *liais*, *epidimia*, *dispotico*, *descubrimento*, *descuberto(s)*, *custume*, *rezulução*, *demulir* ao invés de *semelhante(s)*, *efeito*, *edital*, *real*, *desperdício*, *misericórdia*, *envio*, *miscelânea*, *leais*, *epidemia*, *despótico*, *descobrimento*, *descoberto(s)*, *costume*, *rezolução*, *demolir*, respectivamente. Ilari e Basso (2006), também reforçam esse fato ao afirmarem que tal traço foi notado a partir do século XVIII (p.46).

No século XVI, o fato do *e* pretônico pronunciar-se como [] não ocorria segundo Cornu (apud Silva Neto, 1979, p. 610), pois de acordo com o testemunho de D. Luís Caetano de Lima esta vogal pretônica era proferida com som de *e* fechado ainda na primeira metade do século XVIII. O testemunho de D. Jerónimo Contador de Argote (1725) é que no Algarve “ao *e* fechado pronúnciação como *i*, assim como **pedaço** dizem **pidaço**, e ao *i* pronúnciação como *e* fechado; assim **dizer** pronúnciação **dezer**”. Como se nota, o *e* fechado átono que atualmente, em Lisboa, é mudo, na primeira metade do século XVIII era pronunciado, enquanto em outros lugares, como no Algarve era pronunciado como *i*.

O *o* pretônico também resulta em uma série de flutuações e em era pronunciado em Lisboa como *u* segundo exemplo citado por Silva Neto (op., cit, p. 611), Camilo Castelo Branco chegava a gravar **surriso** por **sorriso**.

Podemos dizer, ainda, que no português brasileiro tal fenômeno deve-se a uma tendência a harmonização vocálica em *e-i* > *i-i*, *e-u* > *i-u*, *o-i* > *u-i* e *o-u* > *u-u*, como observamos no português vilaboense: *filiz* por *feliz*, *midida* por *medida*, *siguro* por *seguro*, *bunito* por *bonito*, *gurdura* por *gordura*. Silva Neto (1979, p. 612) acredita que a seqüência

de um *i* ou de um *u* na sílaba seguinte seja uma condição fonética favorável, no entanto nem sempre válida, pois há registros em que não ocorre a harmonização.

Um apontamento interessante a esse respeito é nos voltarmos ao Latim Vulgar, o qual já mostrava que as vogais átonas tinham tendência para o fechamento e desde os primórdios a língua portuguesa também segue tal fato, como atestam os exemplos já com força expressiva para demonstrar esta ocorrência: *fogir* (< *fuçgere*) > *fu*gir, *molher* (< *muçliere*) > *mulher*, *vertude* (*virtute*) < *virtude*, *carpeOteiro* > *carpinteiro* Silva Neto (idem).

Dessa forma é bem comum encontrarmos em textos medievais, quinhentistas e seiscentistas estas oscilações. Entretanto, em Lisboa, vários gramáticos do século XVIII aparecem censurando a pronúncia do **o** como **u**, mostrando que tal fenômeno era recorrente.

Outro dado sobre o **-e** e **-o** que passam, respectivamente, a **-i** e **-u** é levantado por Silva Neto (1979, p.117) quando este cita que no latim hispânico havia fixado formas como **octuber** por **october**, **nudu** por **nodu**, **elex** por **ilex**, **steva** por **stiva**, ou seja, naquela época já havia uma oscilação bem aparente na língua entre **e/i** e **o/u**.

O **-e** final pronunciado como **-i** em quase todas as regiões do Brasil, em Portugal, normalmente, ele cai como em **mont'**. Entretanto, o que se pode notar é que esse **-e** foi pronunciado como **-i** durante muito tempo no português europeu e ainda é pronúncia do Açoriano, do Madeirense e dos falares ultramarinos (Cabo Verde, Goa, Ceilão) e no Sul (Algarve e Alentejo), Beira Baixa e Norte (Entre Douro e Minho).

Outro fenômeno que já é conhecido várias regiões brasileiras é a monotongação dos ditongos **ai**, **ei** e **ou** encontrados no português vilaboense como segue:

> → antes de : / / **baxo** por **baixo**, / / **caxão** por **caixão**,
/ / **caxote** por **caixote**, / / **imbaxo** por **embaixo**

³ > → antes de , ou : / / **quejo** por **queijo**, / / **quejero**
 por **quejeiro**, / / **bera** por **beira**, / / **berano** por **beirando**
 > : / / **poco** por **pouco**, / / **rôpa** por **roupa**, / / **loco** por
louco, / / **outra**.

Sobre a monotongação de **ei** afirma Santiago Almeida (2000, p. 285) que, conforme deve ser dos fins do século XV ou do século XVI, provavelmente por influência do castelhano. Entretanto, antes de se apresentarem estas formas com redução do ditongo notamos ser observadas já em documentos do século XIII, “mais exactamente, 1290: *enerro* ‘Janeiro’, *erederos*, *primero*.” (apud Maia, 1986, p. 539).

Esse fenômeno podemos observar no português falado, de maneira geral, em todo o Brasil, bem como foi observado por Vasconcelos em Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, por Cruz em Odeleite, por Lopes da Silva em Cabo Verde e, na região do Algarve, por Nunes (Santiago Almeida, 2000, p. 286).

Penha (apud Santiago Almeida, idem) também observa que esse fenômeno é um traço de língua antiga presente no falar rural de São Domingos, Minas. Concordando com esta afirmação temos Cunha (1986, p. 211) que vê essa desnasalação como uma conservação de formas que se usava na língua arcaica literária.

Embora, Antônio Feliciano Castilho (apud Silva Neto, 1979, p. 614) esteja citando a pronúncia de **ei** por **âi**, podemos notar que nos arredores de Lisboa, os camponeses monotongavam o ditongo **ei**, assim como ocorria em outras regiões portuguesas:

Quem mo fez notar foi o meu amigo Sr. Eduardo Napoleão e Silva,... Com efeito, o E antes do I (segundo a pronúncia da Capital e de muitas outras partes do Reino) é quase sempre, talvez sempre, **ÂI**. No Alentejo e noutras províncias difere. Os camponeses dos arredores de Lisboa Pronunciam-no como E, e suprimem o I; dizem *mantêga* em lugar de *manteiga*; e nós *mantaiga*”.

³ Interessante notar que em final de palavra o ditongo *ei* nunca é pronunciado como *e* (plantei, matei, cansei, lei) e em outros ambientes, diferentes dos descritos, também não ocorre nenhuma alteração, como é o caso de antes de *o* > (geralmente, com a queda do *o*): [] *chei* por *cheio*, [] *mei* por *meio*, [] *vei* por *veio*.

No que se refere a monotongação de **ei**, Teyssier (1997, p. 77) afirma ser difícil determinar quando começou, pois enquanto em algumas regiões lusitanas estes se mantiveram e se mantém até hoje, enquanto em outras não. Mas, no século XVIII, tal fato já fazia parte até da caracterização de algumas personagens que representavam o Alentejo e conforme nos relata o autor, essa inovação ocorreu na parte sul de Portugal.

Também sobre a monotongação de forma geral (de **ai**, **ei** e **ou**), Cunha (1986, p. 210-211) afirma que não se pode a grosso modo considera-la como uma inovação realizada no português do Brasil, mas como uma conservação de um fenômeno que já ocorria na fase arcaica da língua portuguesa em geral, pois os exemplos retirados de textos setecentistas como **Os Lusíadas**, *baxa* e *pexe*, confirmam a sua existência anterior a chegada dos colonizadores em nosso país. Santiago Almeida (2000, p. 282;286), ainda nos traz dois exemplos também encontrados em manuscritos setecentistas, *baxoz* e *bachos*, *poco*.

A monotongação do ditongo **ou** para **o** já era registrada em documentos do século XV e XVI, assim como em textos do fim do século XIII e princípio do XIV e é considerado por Maia (apud Santiago Almeida, op. cit.: 286) como o resultado de influência castelhana e Cunha (1986, p. 211) afirma ainda que este fenômeno é comum no português brasileiro e desde o século XVII também no português europeu, o que concorda com Cintra (apud Santiago Almeida, idem), em **Estudos de dialectologia portuguesa**, quando este trata deste ditongo do ponto de vista sincrônico e diacrônico.

A redução do ditongo [], representado ortograficamente como **-ão** e **-am**, nos verbos (terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo e terceira pessoa do presente do indicativo) e em alguns vocábulos com a mesma terminação, para **-o** pronunciado como [] como segue:

/ / **ficaro** por **ficaram**, / / **tiraru** por **tiraram**,
 / / **dismancharo** por **dismancharam** , / / **pusero** por
puseram, / / **dexaro** por **deixaram**, / / **chamaro** por
chamaram, / / **fizero** por **fizeram**, / Ō Ĩ **cumeçaru** por
começaram, [] **cabaru** por **acabaram**, / Ĩ **mataru** por
mataram, / Ĩ **vieru** por **vieram**.

Os fenômenos que ocorrem com o ditongo nasal e com a desnasalização é relatado por Silva Neto (op. cit.: 623) como sendo conhecido em todo o território lusitano como se observa nos vocábulos **orfo** (órfão), **Estevo** (Estevão), **Cristóvo** (Cristóvão), paralelas a exemplos de evolução histórica como **frango** ao invés de **frangão** (forma arcaica), **Faro** ao invés de **Farão** (forma antiga).

Já no início do século XVIII, Madureira Feijó, gramático, censurava as formas **omes**, **Estevo**, **órfo**, mostrando que tal pronúncia era comum naquela época.

Consoantes

Na evolução histórica do latim para o português temos o desabarcimento do **-n-** intervocálico provavelmente no século XI após ter nasalizado a vogal que a precedia. Daí, como resultado, tivemos a formação de vários hiatos, como nos exemplifica Teyssier (1997, p. 34) **viŌo** (<**vinu**) e **mão** (< **manu**), “pronunciados **viŌ-o** e **mã-o**”. Todavia, por serem instáveis, tais hiatos serão posteriormente eliminados pelo desenvolvimento da nasal [ŋ], como ocorreu com **pinho** por **piŌ-o** e em textos medievais já é possível comprovar essa ocorrência. Mas, ainda no século XVI é possível notar que alguns hiatos só desapareceram posteriormente como o caso se **uŌa** (ortograficamente **huŌa**), que passa a **uma** e sua forma se generaliza graficamente no século XVIII.

Na Cidade de Goiás encontramos os seguintes exemplos que permitem verificar que o fenômeno que ocorria com as nasais ainda no século XI é recorrente: a) não pronúncia do [ŋ] entre os grupos vocálicos **-inha** e **-inho**, que se tornam **-iŌ-a** e **-iŌ-o**, que passa a **-i Ō**,

com apócope do **-o**. A função desta consoante [], neste contexto é a de apenas nasalizar a vogal que a antecede:

/ mi a por **minha**, / ti a por **tinha**, / chacliOa por **chacrinha**, / O / viOa por **vinha**, / O / portiOa por **portinha**,
/ poquin por **pouquinho**, / O / bolin por **bolinho**, / O / vizin por **vizinho**, / O / subrin por **sobrinho**,

b) não pronúncia do **-m-** entre o grupo vocálico **u-a**, o qual, como vimos, permaneceu até o século XVIII: / uma, / uma, / numa, / duma.

Em documentos do século XVIII há registro das formas sincopada de *uma* e *alguma*: *huã*, *alguã*, etc. (Santiago Almeida, 2000, p. 291)

Com esse mesmo comportamento Penha (1970, p. 183-187) registra essa consoante na linguagem rural de São Domingos, sul de Minas Gerais, imprimindo-lhe caráter antigo, por ser um recurso bastante utilizado em textos antigos, como por exemplo em *Os Lusíadas* de Luís de Camões, V.64: “Palavra sua **algũa** lhe alcançarão ()”; e no *Teatro de Gil Vicente*, editado por Antônio José Saraiva, pág. 289: “Eu quero **ũa** pucarinha pequenina para mel”.

As pronúncias populares e regionais de **ũa** e **algũa** eram, conforme Cunha (1986:206), as da própria língua culta nos séculos XVI e XVIII, documentadas por exemplo nas obras de Camões e Gregório de Matos. (Santiago Almeida, op. cit.: 292)

O fenômeno acima também é relatado por Silva Neto (2000, p. 627) que afirma que nos crioulos portugueses de base africana ocorre o mesmo fenômeno: Cabo Verde (**camim/caminho**, **vim/vinho**); São Tomé (**pombim** por **pombinho**); Ilha do Príncipe (**padrim** por **padrinho**) entre outros.

Tal fato ocorre similarmente no Ceará, ou seja, o **-inho** passa a **-iOo** e posteriormente a **-iOe** na pronúncia do Nordeste esse isso também se confirma, ou seja, a palatal nasal **nh**, nasaliza a vogal que a antecede e em seu lugar desenvolve-se o assilábico []. Também encontramos este fenômeno na fala vilaboense, entretanto, alguns exemplos não serão enumerados pelo fato de aparecerem na fala de alguns dos entrevistados que não fazem parte do *corpus* principal, mas que são muito interessantes: / O / ou

/ / **Antõi** ou **Tõi** por **Antônio** (pronunciado popularmente como **Antonho**),
 / ɔ / **demõi** por **demônio** (pronunciado popularmente como **demonho**), / ɔ /
leOía por **lenha**, / ɔ ɔ / **ingen** por **engenho**. Dessa forma, percebemos que o
 fenômeno acima não se restringe apenas aos grupos **-inho** e **-inha**, mas também ocorre
 com **-onho**, **-enha**, **-enho**, como ocorre em / ɔ / **banho**, / ɔ / **panhava**,
 / ɔ / **conhecia**, / ɔ / **conhece**.

Silva Neto (1979, p. 117) ao falar de traços que se fixaram no latim hispânico-cita **-nd-** > **-nn-**, **-mb-** > **-mm-** e afirma que este se liga, claramente, ao mosaico da dialetologia itálica. Mas, logo à frente (Silva Neto, op. cit.: 629) trata a redução de **nd** e **mb** a **n** e **m**, assim como a passagem do **l** a **r**, a iotização (iodização) do **lh** [], a supressão do **-r** e **-l** finais, como vulgarismos.

Tais fenômenos ocorrem no português vilaboense e concordamos com Castilho (2000, p. 238) e outros autores, que tratam tais fenômenos como pertencentes ao português quinhentista e Penha (op. cit) como sendo traços do português de períodos antigos, pois o autor nos informa vários documentos do século XVI, XVII e XVIII em que estes ocorrem.

Redução de **nd** e **mb** a **n** e **m**:

/ / **inu** por **indo**, / / **venu** por **vendo**, / ɔ / **falano** por **falando**, / / **subino** por **subindo**, / / **ficano** por **ficando**,
 / ɔ / **fazeno** por **fazendo**, / ɔ ɔ / **xingano** por **xingando**,
 / / **morano** por **morando**, / / **passano** por **passando**,
 / / **brincano** por **brincando**, / ɔ / **cabano** por **acabando**.

Rotacismo do **l** a **r**:

/ / **vortá** por **voltar**, / / **pessuar** por **pessoal**, / / **carçamento** por **calçamento**, / / **carçada** por **calçada**, / / **mardadi** por **maldade**, /] **praca** por **placa**, / / **arcançô** por **alcançou**, / ɔ Ĩ **arcançei** por **alcancei**, / ɔ / **prantava** por **plantava**.

Conforme Santiago Almeida (2000), a passagem de *L* a *R* no grupo formado por consoante + *L* é destacada por Huber (1933, p.143) em sua gramática do português antigo. Da mesma forma Penha (1970, p. 33), em sua tese, confere que esse é um fenômeno do português antigo que se repete em falares interioranos no Brasil. Embora esse fato seja registrado por Vasconcelos em *Esquisse* (1901), que o identifica explicitamente como traço de variantes regionais do português brasileiro, em especial do português caipira descrito por Amaral (1976, p.52), Cunha (1986, p. 211) lembra que o rotacismo *L > R* representa uma tendência românica muito difundida, tendo sido mesmo uma evolução normal dos grupos de *L* do latim para o português, tais como as formas arcaicas *craro*, de *claru*, e *fror* ou *frol*, de *flore*". (Santiago Almeida, op. cit. 305)

Iotização (iodização) do **lh** []:

/ / **muié** por **mulher**, / / **paia** por **palha**, / / **fii** por **filho**,
 / / **miiio** por **milho**, / *o* / **cangaia** por **cangalha**, / / **véia** por
velha .

Tal fenômeno é mencionado por Amaral (op. Cit., p. 53) e é semelhante ao que ocorre na França, em Cuba e na Argentina, onde desde o século XVIII há uma tendência de pronunciar o **l** molhado⁴ como / /, como ocorre em **batáie** = **batalle** (Fr.).

Ainda vários outros fenômenos podem ocorrer no português vilaboense e podem ser observados na dissertação de mestrado de Carneiro (2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se levar em consideração a situação lingüística do Brasil, percebe-se que o português só passou a ser vastamente falado por volta de 1532 com a criação das capitânicas hereditárias e que temos ainda um outro período, considerado por Castilho (2000, p. 235)

⁴ l molhado =

como uma segunda relusitanização, época em que vieram muitos portugueses para o Brasil, especialmente para o Rio de Janeiro. Cunha (1986, p.202-204) reafirma isso e ainda afirma que “desde a chegada dos portugueses no século XVI avançando pelos séculos XVII e XVIII é certo que vieram indivíduos das distintas regiões de Portugal, que naturalmente falavam a língua do seu tempo, com matizes mais conservadores ou mais inovadores conforme as áreas de procedência” (Santiago Almeida, 2000, p. 309).

Vale ressaltar aqui que, o português vilaboense não é ou não permanece igual aquela variante que chegou no século das bandeiras, nem tão pouco é cópia de qualquer outro momento da língua, tal como o período arcaico. Entretanto, o que percebemos, com este trabalho, é que ainda ocorre a conservação de traços do português antigo.

No Brasil, ao longo destes séculos que precederam ao descobrimento teve “condições socioculturais no Brasil foram mais propícias à conservação do que a renovação. Isto, no dizer de Cunha (1986), é “de uma evidência que dispensa maior comprovação”, porque tendo vivido mais de trezentos anos sem contato duradouro com outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, e com pouquíssimas escolas, o Brasil foi alcançando nesse vasto período algumas das etapas que conseqüentemente levam os povos aos “estados lingüísticos paralisantes” (Santiago Almeida, 2000, p. 307)

Especificamente, no que se refere a Cidade de Goiás, a qual foi fundada no período do ciclo do ouro e que está fincada no sopé da Serra Dourada, com vários morros ao seu redor, as condições socioculturais eram semelhantes ao descrito acima e para completar no período de decadência do ouro muitas localidades que viviam da extração daquele minério ficaram insulados – sem muita ligação com os grandes centros – o que possibilitou que a antiga capital do Estado de Goiás mantivesse traços de sua cultura antiga, bem como permanesse “seus costumes, manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente,

com a variante lingüística próxima da daquele tempo. Esse estado, chamado por Cunha (1986, p. 203), de “imobilismo cultural”. Isto contribuiu conosco na medida em que percebemos a permanência de “alguns traços do aspecto fonológico pertencentes a estágios antigos da língua portuguesa – do arcaico ao século XVIII –, quase todos comuns também no português popular falado no Brasil” (Santiago Almeida, 2000, p. 308).

Observamos, após descrever a fala dos idosos vilaboenses, que alguns fenômenos como, o rotacismo, a queda de **r** e **l** em final de palavras, a iodização, a monotongação de **ou**, **ei**, **ai**, ainda fazem parte do cotidiano daquela gente, que expressa através de sua linguagem as experiências que a vida lhes proporcionou.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*, 3.^a edição, São Paulo: HUCITEC, 1978.
- CARNEIRO, Luciane S. de Souza. *Cidade de Goiás: Uma perspectiva lingüística histórica*. Goiânia: Departamento de Letras, UFG, 2004. Dissertação de Mestrado
- CASTILHO, Ataliba (org). *Para história do português brasileiro: primeiras idéias*. Vol 1. São Paulo: Humanitas, 2000.
- ILARI, R. e BASSOS, R. *O português da gente – a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MATTOS e SILVA, R. V. *O português arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PÁDUA, Hosamis R.. *Considerações lingüísticas e históricas da região de Niquelândia-Goiás*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Departamento de Letras, UFG, 2000.
- PENHA, João Alves Pereira. *A arcaicidade da língua popular brasileira*. Franca: Tese de Doutorado – FFLCH, 1970.
- PENHA, João Alves Pereira. *Traços arcaicos do português popular do Brasil*. Franca: Editora Iguatemi, 1971.

SANTIAGO ALMEIDA, M. M. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)*. São Paulo: USP, 2000. Tese de doutorado.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1979.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2 ed.. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos – Itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 7 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1997.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

CUNHA, C. F. Conservação e inovação no português do Brasil. In: *O eixo e a roda*. Vol 5. Belo Horizonte: Fale, UFMG, 1986, p. 199-230.